

Discursos Autoritários e de Ódio nos Comentários da Página Direitista do Facebook “Conexão Política” Durante a Pandemia

Luiza Bortoto Huete LOPES¹

RESUMO

Este trabalho analisa a presença de traços autoritários e de discursos de ódio tal como se apresentam em comentários de notícias de um site de tendência conservadora. Foram escolhidos como objeto empírico comentários de notícias publicadas na página de Facebook do portal “Conexão Política” feitos no dia 9 de abril de 2021, dia marcado como pico da pandemia do coronavírus no Brasil, quando foram notificadas 4.249 mortes pela doença (PODER 360). Foram estudados 112 comentários postados nas notícias do dia, classificados de acordo com seu teor e direcionamento. A partir da análise, foi possível notar certa proximidade dos proferimentos dos comentaristas com ressonâncias das ideias propostas pelo veículo no contexto de polarização política e formulação de discursos que sugerem medo de um inimigo caracterizado como "comunismo"; aprofundamentos e extrapolações nos discursos de descaracterização ou desprezo pela alteridade, traços de discursos autoritários e de ódio, tal como caracterizados por Adorno (2019) e Butler (2021), que constituem também o marco teórico do texto.

PALAVRAS-CHAVE: autoritário; fascismo; mídia; discurso de ódio; discurso autoritário

Desde 2013, no Brasil, seguido das manifestações das chamadas “Jornada de Junho”, ao que culminou no processo de impeachment da ex-presidente Dilma Rousseff, em 2016, novos atores identificados com a direita do espectro partidário passaram a ocupar um espaço considerável nas mídias, seja na imprensa tradicional ou nas redes sociais, avançando uma agenda política e uma pauta baseada em temas morais do país. Os veículos comunicacionais de direita, sobretudo nas redes sociais, passaram a ganhar força e apoio de diferentes setores da sociedade, colocando em evidência atores políticos como Jair Messias Bolsonaro, eleito presidente da República em 2018.

No governo Bolsonaro, símbolo da direita conservadora, os veículos passaram a entender o momento político cada qual com seu grau de concordância, permeabilidades e disputas internas. O presidente, por sua vez, teve como papel exercer boa parte do seu mandato durante uma das maiores crises sanitárias da humanidade: a pandemia da Covid-19. Durante o auge da pandemia no Brasil, em abril de 2021, quando atingiu-se o número de 4 mil mortes diárias, o presidente insistia em tratar a doença com medicamentos contra indicados pela comunidade científica e argumentar contra o isolamento social e uso de máscaras. A postura de Bolsonaro não é por acaso; desde o início, a pandemia foi um grande alvo de disputa de narrativas

¹ Graduanda em Jornalismo pela Faculdade Cáspier Líbero
E-mail: luizabortotolopes@usp.br

políticas e de poder, sobretudo nos veículos midiáticos que, com posicionamentos e leitores pró-governistas, se comportaram cada qual à sua maneira.

O site de notícias “Conexão Política” é um dos veículos que cobriram o período pandêmico e que foi escolhido para o seguinte estudo. A página, que se coloca com uma visão "conservadora-liberal", é voltada para um público tendencialmente de direita, e congrega mais de 2 milhões de seguidores nas redes sociais. Em 2018, durante o período eleitoral, o site esteve em alta, disputando espaço com veículos midiáticos como Folha de SP e Estadão,² sob o pretexto de estar combatendo a imprensa tradicional, tida como “de esquerda”. A partir da análise das postagens, nota-se publicações de tom tendencioso e partidário, majoritariamente direitista. Os comentários, por sua vez, apresentam um aspecto mais agressivo, resvalando para tendências extremistas da direita. Nesse sentido, busca-se observar quais discursos foram utilizados para compreender o momento pandêmico; como conciliar o apoio ao governo com a crise da covid-19 e o número de 4 mil mortes por dia? Qual leitura é feita dos fatos?

Logo abaixo, há uma publicação feita pelo Conexão Política do dia 9 de abril (“Senador fala em pautar possível CPI ou impeachment de Barroso”).

Figura 1 – Notícia do Conexão Política



Fonte: Página do Conexão Política no Facebook³

Foram estudados os 112 comentários postados a respeito da notícia do dia 9 de abril, dos quais os mais representativos foram selecionados para constar neste texto. Entre apoios explícitos ao presidente,

² Fonte: Alto Data Analytics

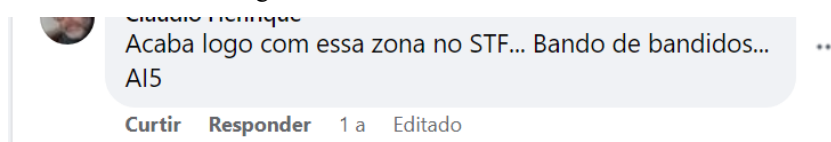
³ Disponível em <<https://pt-br.facebook.com/conexaopoliticabrasil/>>. Acesso em: 11 maio. 2022

críticas e manifestações violentas, a rede de comentários cria uma verdadeira permeabilidade de narrativas. A análise foi dividida entre o discurso autoritário, de Adorno (2019), e discurso de ódio, de Butler (2021).

1. O discurso autoritário nos comentários

Em “Estudos sobre a Personalidade Autoritária”, Theodor Adorno (2019) elabora uma escala com a finalidade de mensurar o preconceito que estaria latente nos indivíduos, sua predisposição para ser suscetível a mensagens de caráter autoritário ou discriminatório. Sem que parecesse ter tal objetivo e sem que o nome de qualquer grupo social fosse mencionado, a chamada Escala F – "F", de fascismo – produz uma estimativa de tendências antidemocráticas no nível da personalidade. Ou seja, a "submissão autoritária", um dos itens da escala, por parte de um sujeito, por exemplo, não diria respeito apenas a uma questão superficial de opinião, mas a tendências gerais com origens profundas, estruturais e por vezes inconscientes. Nos comentários selecionados, há diferentes disposições em cada indivíduo que se refletem em sua discussão de cada área ideológica.

Figura 2 – Comentário feito na notícia



Fonte: Página do Conexão Política no Facebook⁴

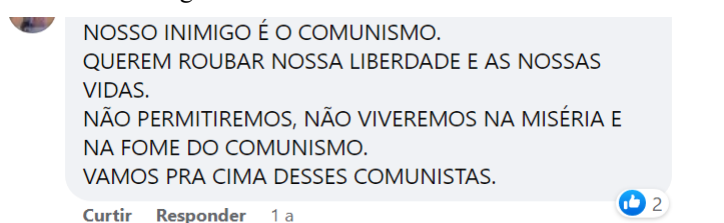
No comentário acima, o interlocutor faz menção ao “fim da zona” no Supremo Tribunal Federal (STF) e pede a volta do AI-5. O decreto institucionalizou a repressão política e o terror promovido pelo Estado durante a ditadura militar (1964-1985) e permitiu o fechamento do Congresso, a cassação de mandatos de parlamentares e a suspensão dos direitos políticos de qualquer cidadão. O discurso autoritário mobiliza um evento traumático da História do país. A menção à volta do AI-5 e a fala evocam a submissão autoritária, uma das dimensões personalidades e itens presentes na Escala F. A submissão à autoridade, na perspectiva de Adorno (2019), é tida como o desejo de um líder forte e subserviência do indivíduo ao Estado, e foi concebida como uma atitude muito geral que seria evocada em relação a uma variedade de figuras de autoridade como pais, pessoas mais velhas, líderes ou poder sobrenatural. Há não apenas um respeito

⁴ Disponível em <<https://pt-br.facebook.com/conexaopoliticabrasil/>>. Acesso em: 11 maio. 2022

equilibrado e realista por uma autoridade, mas uma necessidade emocional exagerada e generalizada de submeter-se a isso.

Ao que Adorno mostra, isso seria indicado pela concordância de que a obediência e o respeito pela autoridade eram virtudes mais importantes que uma criança deveria aprender, e que uma pessoa deveria obedecer sem questionar as decisões de um poder sobrenatural. Outra hipótese possível pontuada pelo autor para justificar esse comportamento seria a subserviência a agências externas, devido a alguma falha no desenvolvimento de uma autoridade interna (consciência); seria uma maneira de lidar com sentimentos ambivalentes em relação a figuras de autoridade (impulsos hostis e rebeldes subjacentes, controlados por medo, levariam o sujeito a exagerar na direção do respeito, da obediência).

Figura 3 – Comentário feito na notícia



Fonte: Página do Conexão Política no Facebook⁵

Já no comentário acima, é possível observar um mecanismo de projeção ligado à agressão autoritária, também presente na Escala F; no caso, os impulsos suprimidos do caráter autoritário tendem a ser projetados em outras pessoas ou fenômenos (ADORNO, 2019). A projeção é, como recorda Adorno, um dispositivo para manter as pulsões do inconsciente alheias ao *eu* e pode ser tomada como um sinal da inadequação do *eu* no desempenho de sua função. No caso, a maioria dos itens da escala F é projetiva, pois envolvem o pressuposto de que julgamentos e interpretações de fatos são distorcidos por anseios psicológicos. A tendência do sujeito a projetar é utilizada na tentativa de obter acesso a algumas das tendências mais profundas de sua personalidade.

O indivíduo antidemocrático está disposto a ver no mundo exterior impulsos que são suprimidos nele próprio; a fim de saber quais são esses impulsos, pode-se aprender algo observando quais atributos ele mais prontamente, embora irrealisticamente, atribui ao mundo ao seu redor. No comentário acima, vemos que o indivíduo insiste que alguém – o “sistema comunista” – tem desígnios hostis sobre ele (como posto no comentário, o “comunismo” quer roubar as “nossas liberdades e vidas”); não é possível, porém, encontrar

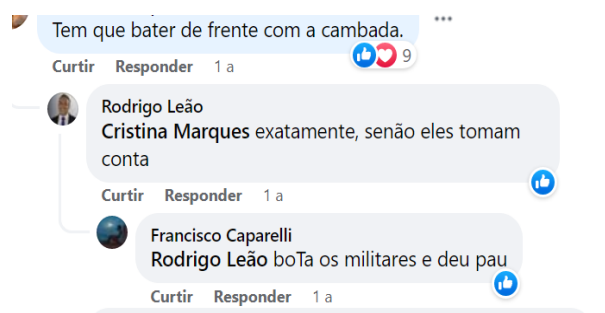
⁵ Disponível em <<https://pt-br.facebook.com/conexaopoliticabrasil/>>. Acesso em: 11 maio. 2022

nenhuma evidência de que isso seja verdade. Segundo Adorno, isso oferece uma boa razão para suspeitar de que o sujeito tem intenções agressivas e está buscando justificá-las por meio de projeções (ADORNO, 2019). No caso, o “comunismo” é posto como o inimigo a se combater, e as atitudes "anticomunistas" seriam uma espécie de projeção contra os supostos desígnios agressivos dos comunistas.

No Brasil, o “comunismo” tornou-se um conceito amplo e elástico sob a óptica da direita. Esse inimigo, apesar de muito temido, é, no século XXI, infinitamente menos poderoso que a direita brasileira. Nunca fez maioria no congresso e raramente ocupa cargos executivos – desde 2014 temos ampla maioria conservadora. E, no entanto, no imaginário posto, o “comunismo” domina todas as principais instituições do país; domina a educação, doutrina gerações de crianças, adolescentes e jovens; domina as universidades e a produção de livros didáticos (BOGÉA, 2021). Segundo esses indivíduos, os “comunistas” escrevem e reescrevem a História – o que serve de justificativa para o próprio movimento direitista reescrever a História conforme suas convicções – e dominam a ciência – o que também justifica intervenções conservadoras anticientíficas no campo. Como coloca Bogéa:

Esse artifício, de um inimigo que, apesar de muito inferior, é apresentado como infinitamente poderoso, constitui uma excelente manobra para a necessária (de)negação da realidade. O autoritarismo político precisa de inimigos. De preferência um inimigo contra o qual nunca se possa parar de lutar e, ao mesmo tempo, um inimigo que não possa ser absolutamente vencido e exterminado. O absolutamente poderoso líder autoritário deverá permanecer em guerra perpétua contra um inimigo – muito menos poderoso, porém muito mais poderoso – sem jamais chegar a exterminá-lo (BOGÉA, 2021, p. 35)

Figura 4 – Comentário feito na notícia



Fonte: Página do Conexão Política no Facebook⁶

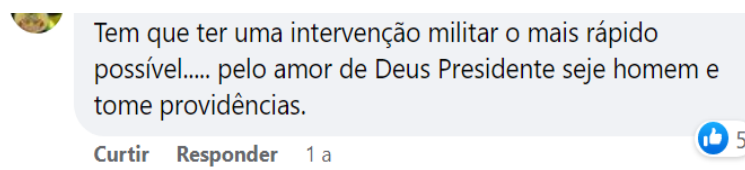
No comentário acima é possível inferir elementos de destrutividade e agressão autoritária. Segundo Adorno, o indivíduo antidemocrático, por ter tido que aceitar numerosas restrições impostas externamente sobre a satisfação de suas necessidades, abriga fortes impulsos agressivos subjacentes. Uma saída para essa

⁶ Disponível em <<https://pt-br.facebook.com/conexaopoliticabrasil/>>. Acesso em: 11 maio. 2022

agressividade é através do deslocamento em direção às minorias, o que leva à indignação moral e à agressão autoritária. A forte agressividade subjacente expressa-se de maneira moralizante. No caso, Adorno presume que os impulsos agressivos primitivos raramente são expressos com total franqueza pelos adultos, mas acabam suficientemente modificados, ou pelo menos justificados, para que sejam aceitáveis para o próprio indivíduo. Assim, vemos nos comentários uma agressividade racionalizada, aceita pelo eu, não moralizada. Os sujeitos necessitam apenas de uma pequena justificativa para estar pronto para a agressão irrestrita sem que haja censura moral. No comentário, o sujeito justifica a agressão (“Tem que bater de frente com a cambada”) com o fato de que “se não eles tomariam conta”, ou seja, tomariam o poder, o espaço público. Não há evidências de que há tentativas de tomada de poder por parte do grupo a quem o indivíduo faz menção, mas seu impulso agressivo precisa ser justificado moralmente.

Adorno ainda pontua que esses indivíduos provavelmente foram forçados a renunciar aos prazeres elementares e a viver sob um sistema de rígidas restrições, e que, portanto, se sentem sobrecarregados, buscando um objeto sobre o qual possa “descarregar”, também ficando particularmente irritado com a ideia de que outra pessoa está “se safando de algo”. Como a vida emocional que essa pessoa considera adequada e parte de si mesma é provavelmente muito limitada, os impulsos, especialmente os sexuais e os agressivos, que permanecem inconscientes e alienados do eu, são fortes e turbulentos. Uma vez que, nessa circunstância, uma ampla variedade de estímulos – como a constante recepção de notícias com teor político tendencioso – pode tentar o indivíduo e assim despertar sua angústia (medo de punição), a lista de traços, padrões de comportamento, indivíduos e grupos que ele deve condenar cresce muito. Uma vez que o indivíduo tenha se convencido de que há pessoas que deveriam ser punidas, a ele é provido um canal por meio do qual seus mais profundos impulsos agressivos podem ser expressos, mesmo enquanto ele pensa em si mesmo como completamente moral. Se suas autoridades externas – como o presidente Bolsonaro – ou a multidão – o público de uma página – concederem aprovação a essa forma de agressão, então ela pode assumir as formas mais violentas e pode até persistir depois que os valores convencionais, em nome dos quais ela fora levada a cabo, tenham sido perdidos de vista.

Figura 5 – Comentário feito na notícia



Fonte: Página do Conexão Política no Facebook⁷

Neste outro comentário, vemos um exemplo de agressão autoritária. Há uma violência direta através da linguagem. A violência direta se caracteriza por todo e qualquer ato que tenha como objetivo causar dano físico a alguém ou alguma coisa; ela se manifesta através do comportamento humano e sempre há um ator a ser responsabilizado pela ação (GALTUNG, 1969).

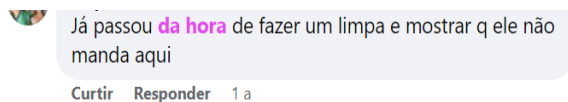
2. Do autoritarismo ao discurso de ódio

Em “Discurso de Ódio: uma política do performativo” (2021), Judith Butler mostra que a linguagem tem força, e é capaz de agir sobre as pessoas de forma violenta. A autora busca entender por que a linguagem possui essa capacidade de ferir. Para reconhecer a força da injúria, devemos ir além do ato em si, ou seja, da simples palavra proferida, e investigarmos o contexto, ou melhor, a situação total da fala. Isso porque a injúria, para Butler, tem uma natureza performática: seus efeitos não decorrem apenas da palavra pronunciada, mas também do modo como tal ofensa foi perpetrada. A força da fala vem de convenções estabelecidas e da também repetição de tais convenções no tempo, a qual mantém uma esfera de atuação que não se restringe ao momento do próprio enunciado (BUTLER, 2021). Como resultado, o momento do proferimento é uma “historicidade condensada”, excedendo a si mesma e revigorando toda uma existência temporal passada e futura própria.

Se um performativo obtém sucesso provisoriamente, não é porque uma intenção governa com sucesso a ação de falar, mas porque essa ação ecoa ações anteriores e acumula a força da autoridade pela repetição ou criação de um conjunto de práticas anteriores e de cunho autoritário. Não se trata simplesmente de que o ato de fala ocorre em uma prática, mas de que o ato de fala é, ele próprio, uma prática ritualizada. Um performativo funciona na medida em que utiliza as convenções pelas quais é mobilizado; nenhum termo ou afirmação pode funcionar performativamente sem a historicidade acumulativa e dissimuladora da força. O poder de produzir esse tipo de injúria ao utilizar o nome injurioso é acumulado ao longo do tempo e que está dissimulado no momento em que o sujeito enuncia os termos injuriosos, e toda comunidade e a história desses falantes são evocadas no momento em que esse enunciado é pronunciado (BUTLER, 2021).

Figura 6 – Comentário feito na notícia

⁷ Disponível em <<https://pt-br.facebook.com/conexaopoliticabrasil/>>. Acesso em: 11 maio. 2022



Fonte: Página do Conexão Política no Facebook⁸

Na medida em que certos grupos foram historicamente subordinados, o discurso de ódio dirigido contra eles consiste em uma ampliação dessa subordinação estrutural. No comentário acima, o sujeito incita a violência contra o ministro do STF Luís Roberto Barroso utilizando a expressão “fazer uma limpa” a fim de mostrar que “ele não manda aqui”. O uso da violência contra grupos democráticos como forma de se estabelecer na política se faz extenso ao longo da História, sobretudo no Brasil. É importante ressaltar que, mesmo com base na ideia do discurso do ódio como uma cadeia sem origem nem fim estabelecidos, Butler afirma que o sujeito falante – autor de um comentário, por exemplo – é responsável pelo que diz.

No caso, para a autora, a citacionalidade do discurso contribui para intensificar a noção de responsabilidade. Aquele que profere o discurso de ódio é responsável pela maneira como o faz, por revigorá-lo, por restabelecer contextos de ódio e injúria. A responsabilidade do falante não consiste em reproduzir a linguagem por si só, mas em negociar seus métodos de uso. Dessa forma, entende-se que o discurso de ódio não apenas comunica uma ideia ou um conjunto de ideias ofensivas, mas também coloca em ação a própria mensagem que ele comunica. A comunicação, por sua vez, é uma forma de conduta.

A fim de pensar como se constitui a força violenta da linguagem, é necessário lembrar que ser nomeado é uma parte tão importante da constituição humana quanto a sua própria existência física, a ponto da linguagem poder tanto constituir um ser humano quanto ameaçar a sua existência (BUTLER, 2021). A partir do conceito de “interpelação” de Louis Althusser, Butler afirma que a linguagem tem uma função criadora em relação ao ser humano. Ao sermos interpelados, ou nomeados, somos inseridos em uma existência social específica, o que nos permite tornarmo-nos sujeitos, mas também nos coloca sob a dependência daquele que realizará a interpelação – e que já foi objeto anterior de uma interpelação). Nesse sentido, o sujeito que enuncia as palavras socialmente injuriosas é mobilizado por essa longa cadeia de interpelações injuriosas. Assim, ao mesmo tempo que a linguagem confere existência ao corpo, devido ao seu poder interpelativo, ela pode ameaçá-lo. E isso porque a interpelação também é, em si mesma, ritualística. Cada nova interpelação pode reencenar aquele ato inaugural, que nos inseriu na sociedade, e, por consequência, tem o poder de nos arrancar do contexto em que nos inserimos e nos lançar em uma realidade totalmente nova – mas não necessariamente positiva, como no caso das interpelações ofensivas. É por isso

⁸ Disponível em <<https://pt-br.facebook.com/conexaopoliticabrasil/>>. Acesso em: 11 maio. 2022

que, segundo Butler, existem palavras que “nos ameaçam”. Nossa existência advém de sermos reconhecíveis, e, portanto, vulneráveis a atos de violência linguística que visam justamente desconstruir nossa condição de sujeitos, reconstruindo-a de acordo com a vontade do outro.

Considerações finais

O presente artigo analisou os discursos dos comentários; vemos que ele é predominantemente autoritário, resvalando para o discurso de ódio com muita facilidade. Nota-se também que um sujeito pode se recusar completamente a expressar hostilidade contra grupos de minorias e ainda assim revelar características antidemocráticas. As tendências antidemocráticas poderiam existir na ausência de comportamentos etnocêntricos, por exemplo. É o caso do discurso autoritário que não se desenvolve como discurso de ódio. Dessa forma, não há, inicialmente, uma relação entre os dois discursos, apesar de ambos falarem de um tema próximo que implica a ruptura com a democracia e ameaça direitos sociais. Além disso, o ambiente das redes sociais tem contribuído para a progressiva consolidação dos discursos autoritários e de ódio. Uma pessoa pode expressar agressividade mais livremente – como nos comentários de uma página pública de uma rede social — quando crê que todos estão fazendo o mesmo e, portanto, se ela quer ser agressiva, dispõe-se a acreditar que todos estão fazendo o mesmo.

Há também uma proximidade do conteúdo dos comentários com ressonâncias das ideias propostas pelo portal no contexto de polarização política e formulação de discursos que sugerem medo de um inimigo caracterizado como "comunismo", aprofundamentos e extrapolações nos discursos de descaracterização ou desprezo pela alteridade – traços de discursos autoritários e de ódio. Como mencionado, a partir da ascensão das direitas no Brasil, os veículos midiáticos conservadores passaram a ganhar força e espaço. No caso, os comentários analisados parecem se direcionar para a veiculação e auto-legitimação de narrativas autoritárias e de ódio. É necessário pensar como os discursos de ódio e autoritário devem ser tratados nas redes sociais – punidos, ressignificados ou ignorados? – e questionar como estabelecer um ambiente midiático democrático.

Referências

ADORNO, Theodor W. **Estudos sobre a personalidade autoritária**. São Paulo Unesp, 2019

BOÉTIE, Étienne de La. **Discurso Sobre a Servidão Voluntária**. São Paulo: Edipro, 2017.

BOGÉA, Diogo. **Psicologia do bolsonarismo: Por que tantas pessoas se curvam ao mito?** Rio de Janeiro: Oficina da Filosofia, 2021.

BUTLER, Judith. **Discurso de ódio: Uma política do performativo**. São Paulo: Unesp, 2021.

FREUD, Sigmund. **Totem e Tabu**. São Paulo: Penguin-Companhia, 2013.

FREUD, Sigmund. **O mal-estar na civilização**. São Paulo, Penguin-Companhia, 2011.

GALTUNG, Johan. **Violence, Peace and Peace Research**. Journal of Peace Research.v. 6, n. 3, 1969, p. 167-191.

MACHADO, Geovana Teixeira; SCHLICHTING, Jorge Luiz Marques. **Violência política de gênero nas redes sociais**. Curitiba: Biblioteca Digital de Eventos Científicos da UFPR, 22 dez. 2021.

SOLANO, Esther. **O ódio como política: A reinvenção das direitas no Brasil**. São Paulo: Boitempo, 2018.